

A EVOLUÇÃO DOS VALORES CULTURAIS LATINO-AMERICANOS

(Discurso de Galo Plaza, Secretário-Geral da OEA, na Universidade de Louisville, Kentucky, EUA)

Qualquer debate sobre valores culturais latino-americanos deveria ser precedido de certas definições básicas. Em primeiro lugar, que quer dizer cultura? Amíúde identifica-se cultura com artes e letras e se considera ramo de atividade reservado às pessoas de fino gosto. Mas essa definição restritiva vem sendo cada vez mais atacada nos últimos tempos. O eminente escritor inglês C. C. Snow sugeriu se ampliasse o conceito geral de cultura o suficiente para incluir os empreendimentos científicos do homem. Se é verdade, como ressaltam os humanistas, que muitos cientistas demonstram total indiferença pelos valores humanísticos, não é menos verdade que os humanistas se revelam tristemente desinformados sobre as realizações da ciência. Para o antropologista moderno, o conceito de cultura abrange toda atividade humana, inclusive a atitude mental e emocional de uma comunidade em qualquer estágio de desenvolvimento. Referir-me-ei hoje, principalmente, às atitudes culturais.

Neste particular, existem efetivamente sentimento, pensamento, ação latino-americanos que se

estendam à região inteira? A unidade cultural latino-americana não é de modo algum evidente. As diferenças regionais são tão grandes que às vezes é difícil imaginar o que os povos têm em comum. A região andina, onde a presença do índio se sente em toda parte, difere muitíssimo do litoral atlântico, com suas cidades gigantescas como Buenos Aires e São Paulo, às quais imigrantes de várias procedências imprimiram seu estilo de vida. A região do Caribe e o norte da América do Sul sofreram decidida influência de culturas africanas. As diferenças em geografia e topografia e na evolução histórica de repúblicas distintas e independentes, algumas das quais por vezes tiveram querelas entre si, também concorreram para fomentar a diversidade. Contudo, o fundamental é que grande parte do que hoje chamamos América Latina se caracteriza pelos mesmos antecedentes gerais. O espírito de unidade se demonstra com particular pujança nos cinco países centro-americanos, onde funciona um dinâmico mercado comum.

Ao contrário dos índios primitivos e geralmente nômades da América do Norte, os indígenas

do sul haviam criado avançadas civilizações. A capital asteca, Tenochtitlán, tinha população superior à de Madri ou mesmo à de Londres, na época. A beleza da arquitetura de Tenochtitlán, como se pode ver hoje em maquete fidelíssima no Museu Antropológico da capital mexicana, rivaliza com o que a Europa podia então oferecer. Somente em alguns palácios egípcios encontramos comparável pureza de linhas e simplicidade de forma — qualidades que a arquitetura contemporânea busca com tamanho afã.

Na América do Sul, os incas haviam estabelecido valores sociais e políticos à altura das notáveis edificações de Cuzco e Machu Picchu — obras que fazem a inveja dos engenheiros de nossos dias.

O inca dava grande importância a assuntos de consciência social. Os caciques tinham a obrigação de reservar a primeira safra para fins religiosos e a segunda para as viúvas e os órfãos. Quando desobedeciam a essa regra, sofriam a pena de morte. Numas ocasiões em que as legiões incaicas capturaram um armeiro que fazia flechas envenenadas capazes de provocar morte horrível, o inca poderia adotá-las para seu uso. Mas não só se negou a isso como proibiu terminantemente sua utilização, sob pena de morte. Para o inca, a guerra devia ser o mais humano possível, o que comprova seu profundo senso moral.

Os conquistadores espanhóis e portugueses, que modificaram o curso da história na América Latina, em nada se pareciam com

os peregrinos que viriam colonizar a Nova Inglaterra, no século seguinte. Os ingleses eram colonizadores genuínos, vinham em busca da liberdade. Os conquistadores iberos eram aventureiros que planejavam voltar à terra natal assim que se apoderassem de seu quinhão de ouro, do Novo Mundo.

Outra importante diferença foi que os conquistadores não trouxeram as esposas, como os peregrinos, fato que explica o rápido amálgama racial.

O conquistador tinha em alta estima a dignidade pessoal e aborrecia o trabalho manual. Ao contrário do peregrino, que tinha a obsessão religiosa de ganhar o pão com o suor de sua fronte, mas não hesitava em expulsar o índio de suas terras, o conquistador preferia forçar o nativo a trabalhar. Aí começam a rígida estratificação social e as atitudes em relação ao trabalho manual, que até hoje criam problemas.

Junto com os conquistadores vieram padres e missionários, cujo zelo em converter, educar e proteger os índios teve vasta e benéfica influência no período colonial.

O efeito da conquista está representado na Praça das Três Culturas, no México, D.F. Ali se afirma que do encontro de Cortez com o príncipe asteca Cuauhtémoc não resultou nem vitória nem derrota, mas o nascimento de uma nova entidade — o povo mexicano.

Em alguns casos, foi trágico o entrelaçamento das culturas, antes que se originasse uma terceira. Quando um dos sacerdotes

que acompanhavam Pizarro disse ao inca Atahualpa que tinha de jurar sobre a Bíblia, que era a palavra de Deus, o inca levou o livro ao ouvido e respondeu: "Não ouço nada". Foi o sinal para que Pizarro mandasse suas tropas massacrar os índios, por não ouvirem uma "língua" que não podiam entender.

É verdade que os iberos impuseram seus valores culturais durante a conquista e que os índios tiveram de arranjar-se como puderam, porém essa adaptação jamais foi completa. Os índios aceitavam, com reservas, valores europeus. Exemplo dessa atitude se encontra em saborosa anedota contada por Garcilaso de la Vega, em sua obra clássica *Comentarios reales*. Garcilaso descreve a cerimônia nupcial de um capitão espanhol com uma princesa inca. A princesa e a família real, com seus preconceitos de hierarquia, preocupavam-se com o fato de haver o noivo sido alfaiate antes de sentar praça. Quando o sacerdote perguntou: "Aceita este homem como seu legítimo esposo?" a princesa respondeu em quíchua "Ichach munâni, ichach mana munâni", isto é "talvez sim, talvez não". Assim eram recebidos muitos dos costumes e leis dos europeus.

Durante longos séculos de colonização, os povos da América Latina pouca preparação receberam para a independência. Foram vítimas do despotismo firmemente apoiado em instituições tais como o sistema feudal de posse da terra, militares com grande força política, governo altamente cen-

tralizado, igreja poderosa a dominar o ensino.

Após a independência, a igreja continuou a dominar a educação, reservada a uma pequena elite. Mais tarde, o ensino passou a refletir a influência do sistema francês, com ênfase em cultura pela cultura. Não se preparava o homem para assumir suas responsabilidades em relação à terra, ao povo, e aos problemas de ambos. Ainda não se completou o processo de reorientação dos sistemas educacionais a fim de atender a necessidades práticas.

Com o correr dos séculos, houve na América Latina abundante mistura e fusão de valores europeus, indígenas e africanos. Não obstante, continuam perfeitamente discerníveis certos elementos de diversidade. A América Latina produziu alguns dos mais refinados e brilhantes escritores do espanhol e português, mas ainda há muitas comunidades em que se ouvem apenas línguas indígenas. Nas regiões andinas encontram-se cruzeiros consagrados que ostentam dos lados símbolos do sol e da lua — remanescentes de cultos pagãos pré-colombianos. No Brasil se verificou o estranho sincretismo de ritos africanos e cristãos na prática da macumba.

Uma das características culturais da América Latina — herdada dos indígenas e das raças mediterrâneas — é o sentido estético e o respeito à forma. Admiramos as linhas másculas dos trabalhos pré-colombianos em ouro e em pedra, como nos enlevamos com a transliteração que o barroco europeu sofreu nas

mãos dos artesãos índios que ergueram as igrejas das missões jesuítas do Paraguai e esculpiram os altares-mores das grandes igrejas coloniais do México, de Quito e de Cuzco, ou nas mãos dos mulatos brasileiros que erigiram e talharam as belas igrejas de Minas Gerais. Desnecessário se torna acrescentar que os dons estéticos do latino-americano se estendem também à música; ritmos latinos são tocados, cantados e dançados no mundo inteiro.

Outra característica fundamental do latino-americano, que lhe infundiram tanto indígenas como peninsulares, é a importância que dá à contemplação, de preferência à ação. O antropologista Kusch salientou que em quíchua o verbo *ser* não abrange o sentido de *dever*. Em quíchua, *ser* significa *ficar*. Por tradição, o latino-americano tende a assumir atitude estática, pois para ele o tempo é um fenômeno que se repete incessantemente, sem idéia de urgência, opondo-se diametralmente ao conceito dinâmico expresso no dito anglo-saxão "time waits for no man", o tempo não espera ninguém.

Para o contemplativo, haverá sempre um amanhã. O amanhã não desaparecerá, como ocorre para quem tem conceito linear de tempo, segundo o qual o passado se foi e o presente é um momento fugaz entre o passado e o futuro. Por conseguinte, quando o americano comenta zombeteiramente sobre o amanhã na cultura latino-americana, insinuando que a ação será inevitavelmente adiada, está sendo injusto, embora tal-

vez correto, do seu próprio ponto de vista.

Ilustram o contraste entre o espírito de contemplação e o dinâmico as grandes estátuas que adornam a entrada do edifício-sede da Organização dos Estados Americanos em Washington. Um dos grupos, de autoria de Isidore Konti, representa a América do Sul; o outro, do escultor Gutzon Borglum, representa a América do Norte. Em cada conjunto se vê uma mulher com o filho adolescente, símbolo da juventude do Novo Mundo. As mães olham para a distância, cismarentas. Os garotos se entreolham com curiosidade. A expressão fisionômica das figuras que representam a América do Sul é de suavidade, reflexão, sonho, sensualidade. A das figuras norte-americanas, em acentuado contraste, revela determinação, vigilância, força, inquietude.

As estátuas foram esculpidas há cinquenta anos. Hoje, os valores se estão modificando notavelmente. As urgentes demandas de desenvolvimento econômico e social forçam a América Latina a abandonar sua atitude contemplativa ante o tempo. Hoje, sentimo-nos compelidos a agir, desfrutar os benefícios da tecnologia e modernizar nossas instituições. É o principal ponto-chave na evolução dos valores culturais latino-americanos.

Mas não nos enganemos. Nossa cultura exige equilíbrio entre esse novo sentido de urgência e nossa tradicional atitude de contemplação. Não desejamos avançar a passos tão largos e rápidos que nos matem a capacidade de

gozar os frutos do nosso esforço. Urge a conciliação entre o impulso dinâmico rumo ao progresso tecnológico e a resistência estática à alteração dos valores humanos que tornam a vida digna de ser vivida.

Neste particular, talvez possamos oferecer algo aos nossos vizinhos do norte, tão frequentemente pressionados pela urgência do tempo linear, que não conseguem deter-se e desfrutar o que a vida oferece em termos de amenidade, beleza e mesmo sensualidade.

Não quero com isto insinuar que os latino-americanos sejam em sua maioria eruditos amantes das artes e que o grosso dos norte-americanos seja o contrário. Esses mitos já duram demais e devem ser arquivados para sempre.

Nos Estados Unidos, apesar de hoje a televisão ocupar muitas horas de lazer, o povo está comprando mais livros que nunca, nas farmácias, nos supermercados, e participando ativamente em espetáculos de teatro amador, grupos musicais e de artes plásticas, e cultivando uma infinidade de "hobbies".

"A informação não vale apenas pelo que aparentemente representa. Muitas vezes, é nas entrelinhas que se encontram os mais fortes motivos de interesse. Um jornalista — e também o leitor — jamais devem esquecer disto."

WALTER LIPPMAN

Boas aplicações em Letras de Câmbio e Imobiliárias de sólidas financeiras e na Bôlsa de Valores, estão na



fernasa

distribuidora de títulos e valores mobiliários, lda.
carta patente n.º a-68/676

SOB A DIREÇÃO DO GENERAL R/1

FERNANDO DA SILVA SÁ

AV. RIO BRANCO, 277 — CONJ. 501 — TEL. 232-0570 — RIO
(Edifício São Borja)